N.º 37 45 — Ovar, 17 de Março de 1907 — Anno I

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso . . . . . 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—**Ovar**

PROPRIETARIO E EDITOR
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
—
TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . 50 » » »
Repetições . . . . . 25 » » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A INFLUENCIA DOS JESUITAS

IV

Converteram-se em canones as doutrinas dos jesuitas—não obstante Leão XIII, no começo do seu pontificado, não se lhes mostrou muito favoravel — recebeu advertencias e das mais sinistras, e teve que ceder—hoje são elles que dirigem a egreja universalmente.

Como os principios mais essenciaes da democracia, ou da civilisação moderna, foram condemnados no *Syllabus*, e no concilio do Vaticano, tomou a politica do clero um frisante e novo aspecto, recorrendo a varios meios de reagir, e de estender a sua influencia.

Foi desde que Pio IX disse ao bispo *Perché*—«até aqui houve a união da fé entre os catholicos, agora é necessario, que haja entre elles a união da acção». D'ahi a pouco tempo um jornal, o *Mundo*, annunciava, que essa união já era iniciada em todos os pontos da terra.

A Liga Clerical, em França, criou em cada diocese uma commissão, a qual nomeou delegados ou correspondentes nos districtos, concelhos, e freguezias, e tanto as commissões como os seus delegados trataram de associar os catholicos de todas as classes, e d'ambos os sexos.

Logo se fundou em *Poitiers* a associação—*dos Paes Christãos*—que se reune em um domingo de cada mez—obteve esta em breve recursos bastantes para um *forno economico*, que distribuiu vinte mil rações cada anno—imprimiu oitenta jornaes, seis mil folhas avulsas sobre assumptos religiosos, moraes, e economicos—duzentas brochuras contra a revolução—augmentou as bibliothecas da sua côr—e deu subsidios aos asylos dos operarios—aprendizes.

Não lhe ficaram atraz as outras commissões diocesanas.

Tal era o fervor em ligar a si, e tornar dependentes as classes populares.

As grandes commissões das provincias estão subordinadas á de Paris, e em todo o mundo ao pontifice, comtudo são livres na sua esphera, mas *hão de jurar o Syllabus*—isto é, todos os seus esforços tendem ao predominio clerical, a disporem a sociedade para a theocracia.

Em 1870 sentiu o papado um grande abalo—receiou as divergencias no seio do catholicismo, e talvez a autonomia das egrejas nacionaes promovida pelos governos, e antes que se dessem os pronuncios d'esse conflicto, hoje aberto, entre a egreja e o Estado, e muito de presumir, segurou-se pela declaração d'infallivel, e pelas mais doutrinas canonisadas no concilio de 1870.

Tal como a descrevemos, eis ahi uma organisação digna da seria attenção dos poderes seculares.

O remedio—desde já o indicamos—está na creação de sociedades organisadas de igual modo, a quem o espirito liberal anime, e com os mesmos fins protectores das classes desvalidas está na lei, que póde negar ao clero o direito ao ensino fóra dos templos, e á direcção das instituições, que não tenham um caracter puramente religioso—está no derramamento de jornaes *gratis*, que expliquem ao povo as verdadeiras maximas do Evangelho, e o desilludam.

Como é sabido, ha ainda os chamados *Circulos Catholicos*, e outros gremios, que se denominam, por exemplo, a *Obra da Adopção*, educadora das creanças pobres. N'outro gremio entram os camponezes de todas as idades, uma vez que satisfaçam a certos requesitos—como—«respeitar o domingo—rebater as blasphemias—*calcar aos pés o respeito humano*—seguir com altivez nas procissões a bandeira da Virgem.»

A *mariolatria* é o culto, que os jesuitas mais exageram, encarecem, e diffundem.

Outro, *os Irmãos da Doutrina Christã* fundam escholas e noviciados; ha sempre illustres patronos, que os secundam—em um só anno colheram 74 mil francos, etc.

Da mesma sorte se criam institutos agricolas, escholas d'artes e officios, que em rigor só os *Irmãos* dirigem.

Não esqueçamos a *Obra da Adoração Nocturna*, nem a *Obra da Nossa Senhora da Salvação*—na 1.ª ha socios que obrigam a ir de freguesia em freguesia, para que em nenhuma faltem os adoradores nocturnos—a 2.ª tem por encargo promover rogações publicas, novenas, romagens, etc.

E' assim, e por outras invenções, que os reaccionarios estreitam os seus laços com os elementos sociaes de toda a especie, e até com o elemento militar, e nós vimos o governo francez destituir coroneis e generaes, que lhe não obedeceram, e abolir as capellanias dos regimentos.

Havia tambem circulos militares, com bibliothecas proprias do grande fim, o aliciamento do exercito, mas como eram um perigo immediato, não poderam ser tolerados.

Sobre tudo isto os congressos geraes e regionaes—onde apparecem representantes das mais altas classes burocraticas, e aonde as sociedades catholicas estrangeiras enviam os seus delegados.

Do congresso de *Poitiers*, depois do *Te Deum* e da leitura dos relatorios levantou-se o jesuita *Sambin*, e exclamou:

«Todos os males, que soffremos, veem do falso principio, que o poder é o povo que o delega.»

Assim vemos a religião e sobretudo a caridade a servirem de instrumento ao partido reaccionario, ou ao jesuitismo, que domina e explora o mundo catholico.

Roma espanta-se da audacia do governo francez, e nós julgamos justificado o seu espanto. A transacção é impossivel.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos e as modernas Idêas do Sr. Theophilo.

XXVIII

Ingenuamente pensou o Sr. Theophilo, que no *Seculo* abafava os meus protestos, eis ahi a minha replica no mesmo jornal—(Revista Litt—9 de Janeiro de 1905).

Sobre o «Firmamento» e o «Noivado do Sepulchro»

A questão sobre o *Firmamento* e o *noivado*, que dura ha 46 annos, já me enfada—mas a sentença do sr. Theophilo Braga, que na Edição do *Bardo*, em dois volumes, feita em 1854, declara *authentica* a data de 1852, com que ali apparece o *Noivado* no n.º 4, é um motivo provocante de hilaridade, *ao menos* para mim, que sei com certeza *absoluta* haver n'isso ou fraude do grande plagiario, ou qualquer occorrencia na typographia, onde era impresso, d'onde resultou a illusão do impertinente critico, assaz generoso para gratificar ainda com o *Firmamento* a quem era impossivel compôl-o e até concebel-o.

Sem duvida o n.º 4 dos *Bardos* foi todo ou parte reimpresso, quando se tratou de os reunir em volume em 1854.

N'este anno veio o sr. Passos de Coimbra, com uma copia, que eu lhe dei, o que já disse muitas vezes e repito.

Uma carta do sr. João Diniz, mimoso autor das *aguarellas* e sobrinho do dono da typographia, onde o *Bardo* se imprimia, certifica-me de que a poesia fôra publicada a instancias de Faustino de Novaes, proprietario e administrador do *Bardo*, amigo de Passos, e portanto tambem por estes illudido.

Em 1854 ainda o *Bardo* continuou a publicar-se na mesma typographia, no mesmo papel, e no mesmo typo; não é por ahi que se póde conhecer, se foi ou não reimpresso, se tudo havia na mesma imprensa.

Affectando sinceridade, o sr. Theophilo Braga, na *Revista Litteraria* do *Seculo*, cita algumas passagens das minhas cartas e dos meus artigos, mas ommitte os pontos essenciaes dos meus argumentos—por exemplo—1.º a conversa no Porto em 1871, na qual aq revelar-me auctor do *Firmamento* e do *Noivado*, o sr. Theophilo Braga, n'um impeto sincero, atalhou-me de repente: «Eu já vi isso—que o *Firmamento* não é de Soares de Passos» — mudou de opinião, não vejo porquê; 2.º nas ferias de 1853 recitava eu á sr.ª D. Maria do Carmo de Sousa Brandão as estancias do *Noivado*, que Soares de Passos alterou ao publical-as em 1854 na edição do *Bardo*—mas recitava-as não como se lêem no *Bardo*, mas como se acham no livro de versos de Soares de Passos publicado a primeira vez em 1856.

Quando eu tivesse lido o *Bardo* cuja existencia ignorei até á leitura das *idêas modernas* do sr. Theophilo, como adivinhei em 53 as alterações, que só vieram a lume tres annos depois?

O sr. Passos alterou a minha copia, depois agradaram-lhe mais os meus versos e restituiu-os á minha pobre ballada em 1856.

E' isto que precisava de uma contestação — mas eu dispenso-a.

Invoco o testemunho do sr. dr. Domingos Pepulim sobre o que ouviu áquella senhora de oitenta e quatro annos, já fóra da idade de mentir.

3.º Não só reclamei verbalmente, mas nos jornaes que enviei ao sr. Theophilo para *Lisboa* e para *Joanne*, cuja recepção de alguns me accusa n'uma carta.

A minha reclamação no *Districto d'Aveiro* convenceu a todos que a leram.

Quando eu não prevenisse os criticos das habilidades assombrosas do sr. Passos, deviam ainda assim notar pelo menos no «Firmamento», arte e inspiração alheias — mas depois dos meus avisos, das minhas longas e detalhadas analyses, é não conhecer o que é accessivel á critica mais elementar.

Os estylos são caracteristicos como as physionomias, sobretudo em verso—Garrett, Castilho, Herculano, João de Deus, Guerra Junqueiro, distinguem-se á primeira leitura, e quando se desce á analyse moral e litteraria dos escriptores, mais se apuram as suas individualidades.

O sr. Passos estava longe de ser o que dizem os seus biographos não tinha a melancolia do talento, que se inquieta com o mysterio da vida e do mundo; era um espirito passivo, com mais indolencia physica do que enfado moral — apenas o animavam a paixão versejadora e o desejo de exceder os seus contemporaneos e patricios.

Das poesias, d'onde a biographia tira as suas illações sobre a indole, altos dons do espirito, e tendencias do glorioso poeta, não são filhas do seu estro, outras são apenas frias glosas do que ouviu d'envolta com algumas estancias já compostas, nas quaes honrou a minha pequena arte, aproveitando-as.

As restantes, que formam a grande maioria, e note-se, *contemporaneas das outras*, destoam completamente das reclamadas—e agora não direi o que valem.

Eis ahi o que são apreciações, reputações e biographias.

Serei um Dreyfus n'esta questão litteraria?

Tambem em França havia documentos authenticos como a edição em volumes dos *Bardos* e peritos como o sr. Theophilo Braga, e o engano desfez-se.

Concebi e compuz o *Noivado* em fevereiro de 1853, recitei-o e dei uma copia ao Passos em 1854; como podia ser publicado em 1852?

E assim como é impossivel que se publicasse n'este anno, nem mesmo em 1853 pelo sr. Passos, da mesma sorte é impossivel que do exame da Edição em volume, feito dos *Bardos* em 1854, se conclua que o seu n.º 4.º seja *authentico*, isto é, dos que foram publicados e distribuidos em 1852, ou que em rigor lhes seja completamente igual—e não fosse todo ou em parte reimpresso e com alguma poesia nova trazida á imprensa em 1854.

Em que se julga consistir a authenticidade de um documento?

Em ser publica e d'uma publicidade solemnisada—para se provar que não se alterou.

Para que um jornal tenha esse caracter preciso é que seja distribuido, bem espalhado, para que depois se possa confrontar os exemplares uns com outros, para que muitos e em varios pontos o leiam e os possam examinar, e ver, que são identicos, e ou ainda que fossem depositados n'um archivo publico, como a Bibliotheca Nacional, d'onde conste d'algum registo que ali foram recebidos no anno em que se publicaram.

Ora os numeros de um periodico, que nunca sairam do armazem da typographia, que os imprimiu, não se póde negar que fossem reimpressos, não se revestem do caracter de authenticos, que o sr. Theophilo levianamente lhes attribue.

O mesmo cavalheiro do Porto, a quem já me referi, o sr. João Diniz, informa que Faustino de Novaes não chegou a editar os ultimos numeros do *Bardo* no anno de 1854—impressos já por conta do livreiro Francisco Gomes da Fonseca—e foi este novo editor, e não o F. de Novaes, quem mandou imprimir o frontispicio.

Francisco da Fonseca comprou todo o espolio dos *Bardos*, e para vendel-o os reuniu em dois volumes em 1854.

E aqui a informação do velho livreiro da rua Chan, contemporaneo da edição completa do sr. João Diniz—declara elle «que *faltavam folhas*, e que se *imprimiram outras, e que se juntaram ás que se existiam com algumas novas poesias*.

«E accrescenta, sei isto perfeitamente, digo-o com toda a confiança.»

Ora aqui está a authenticidade do sr. Theophilo Braga.

Appareça um *Bardo* de 52 ou 53, (eu dou largas ao sr. Theophilo), ou anterior a 15 de fevereiro do 54, e que contenha o *Noivado* e só então se justificará da insolencia que me dirige.

Tem obrigação de apresental-o.

Não era bastante ser vilmente expoliado do que pensei e escrevi, mas soffrer agora insultos como esse que sem escrupulo deixou cair da sua penna sobre o meu nome, caso era para um serio desagravo, se o riso medianeiro não viesse attenuar a indignação que me causa.

Riamos tranquillos.

Felizmente para mim, e infelizmente para o sr. Theophilo, a falsidade do que me imputa é que está provada.

Emquanto ao *Firmamento* foi tão louco o sr. Passos em publical-o com o seu nome, como *hoje* o é tambem quem lh'o attribue.

Sem nenhum estudo de physica, de geologia, nem de astronomia, incapaz de formar inducções n'estas sciencias, *e muito menos contra as idéas correntes*, o sr. Passos, se era capaz de impressões poeticas, e eu nego que o fosse no genero das que o *Firmamento* manifesta, não podia compor esta poesia, *dar-lhe qualquer fórma*, e a que tem, claramente se conhece não ser a sua, a do sr. Passos:

Nada ahi lhe pertence.

Como exemplo, analysamos hoje a penultima estancia:

O *resultado*, para o qual *lentamente* o universo, ou cada systema de globos celestes, *de per si*, se encaminha durante milhares de milhões de seculos, eu, para mais effeito poetico, o considerei como um acto directo e instantaneo do poder divino.

Esse resultado não está previsto, nem sequer supposto no *Systema do Mundo*, de Laplace, porque todas as suas demonstrações o contradizem.

Conforme ao que estou dizendo escrevi:

.....Um dia meditando
Outro ceu mais perfeito,
O ceu d'agora ao seu altivo mando
Talvez cáia desfeito.

Então mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias n'amplidão disperso.
Chocando-se, em destroços fumegantes
Desabarão no fundo do universo!

Eis a estancia. Quaes são as idéas scientificas n'ella encobertas, que ninguem então descobrira e que hoje mesmo não se denunciam senão a quem tiver a instrucção, que habilite a percebel-as, ou, ao menos haja lido os livros onde, *nove ou dez annos depois*, Flammarion as vulgarisa e completa, e que em 1853 até 1863 não grassavam nas escolas, nem nossas nem estrangeiras, por irem de encontro á *Mechanica Celeste* e ao *Systema do Mundo*, de Laplace?

Diz Flammarion que só em 1863 um mathematico americano começou a refutar o *systhema do mundo* (*E'ludes*, pag. 179).

Tencionava eu, quando publicasse o *Firmamento*, acompanhal-o de uma explicação indispensavel.

Até áquella epoca foi lido inconscientemente!

Apesar de me ouvir discorrer sobre o seu objecto, se fosse obrigado o sr. Passos a explicar cada estancia sobre si, ficaria interdicto, sem poder abrir a bocca:

1.º—Aquella, que citamos, suppõe e affirma a *resistencia* do ether, que Laplace considerou nulla ou insensivel.

2.º—Por essa resistencia encurtam os globos celestes as suas orbitas e, depois de milhares de milhões de seculos, virão a cair ou a incidir nos astros-centros, ou soes de cada systema.

3.º—E estes tambem por fim, virão egualmente a incidir uns sobre os outros, o que se induz dos mesmos principios, visto que essas vastas agglomerações de soes e de mundos giram tambem á volta de um centro unico desconhecido, ao que uma outra estancia se refere.

D'ahi... *o chocando-se.*

4.º—O tremendo desastre final se dará *ou* em cada um dos systemas, *ou* por ultimo nos soes já *arrefecidos* e *solidificados*, que restarem d'esses dramas parciaes, —e d'ahi as duas estancias—a que estamos analysando e a que logo a antecede.

D'ahi tambem a duvida expressa no 4.º verso.

Talvez caia desfeito

5.º—Como é que o sr. Passos, ignorando estes pontos theoricos, não estando habilitado a induzil-os póde compor as duas estancias?

6.º—Laplace, fundando-se em ser nulla a resistencia do ether, e provando por calculos transcendentes que os globos, se n'um periodo se approximam dos centros, n'outro periodo se afastam, concluiu que era estavel a ordem dos mundos, e, pelo contrario, a poesia affirma a sua ruina.

7.º—O movimento, que se converte em calor, principio da physica nova; os globos ao *chocarem-se*, desenvolvem tal grau de calor, que ficarão reduzidos a massas de vapores, isto é, a esse estado nebuloso, d'onde primitivamente se originaram, pelo arrefecimento successivo, *no qual tambem se não pensava.*

D'ahi... *Os destroços fumegantes.*

8.º—No tempo de Laplace não estava ainda *descoberta* a conversão do movimento em calor, e do calor em luz e electricidade, e por isso não leu nada d'isso o illustre Passos no *Systema do Mundo.*

9.º—E quando estivesse descoberta, visto que Laplace não suppôz, sequer, que os globos viessem um dia a chocar-se, não fez nenhuma applicação d'essa descoberta.

10.º—Eu não estava ao lado do sr. Passos para lhe dizer—não affirme d'egual modo os dois desfechos do grande drama sideral, falle d'um com menos certeza, exprima a duvida por um *talvez*; —note que os globos não se chocam em *destroços fumegantes*, mas, depois do *choque*, é que se reduzem a vapores, ou massas gazosas; e, por isso, o *chocando-se* deve ficar separado por uma *virgula*, e ligar os destroços ao ultimo verso.

O sr. Passos, copiando a poesia para a impressão, alterou com toda a sua inconsciencia o que leu; ligou o *chocando-se aos destroços*, e separou, pelo contrario, os destroços do *desabarão no fundo do universo*, obrigando, assim, os meus pobres versos a dizerem uma asneira. Não me admiro.

11.º — N'outras estancias era preciso adoptar um meio termo entre idéas oppostas, e como é que o sr. Passos ajustou perfeitamente a expressão ás idêas intermedias, e *adivinhou* as *causas phisicas*, que as *fundamentam e a que as mesmas alludem?*

Sim, o sr. Passos podia escrever o *Firmamento*, mas era preciso que eu tivesse a minha mão sobre a sua ao escrevel-o.

Lourenço de Almeida e Medeiros.

CHRONICA D'ESMORIZ

—

Acabemos com isto que já não vae sem tempo!

Para massada já basta e além disso o que tinhamos a dizer está dito.

Narramos circunstanciadamente os factos, como elles occorreram, e por isso voltar ao assumpto é reeditar o que já uma e muitas vezes escrevemos. Depois... estão-nos acenando d'alli do lado com assumptos alegres e desopilantes e é por isso que nós anciamos por despir esta casaca grave e conselheiral que nos forçaram a envergar. Parece que temos rente ao corpo uma camisa de forças! Nada. Isto não pode continuar!

Dispamol-a e quanto antes! Precisamos desopilar! Faz tão bem aos pulmões!

No entanto fiquem sabendo que se não fosse a lembrança da promessa que fizemos de ir até ao fim, já teriamos virado... de bordo. Assim. . continuemos a nossa derrota e levemo-la... até ao fim!

Mas que esta nos fique de escarmenta para não nos mettermos noutra.

Ai que d'assumptos palpitantes alegres tivemos de pospôr a este!

E quanto nos teriamos rido ao tratal-os? Mal fadada questão a d'Esmoriz e Cortegaça!

Dá-nos vontade de lhe rogar uma praga para ella. .desapparecer depressa da tela da discussão! Mas .. deixem estar. O que se não faz no dia de Santa Luzia; faz-se... ao outro dia. Os assumptos sérios, sorombaticos, conselheiraes. . havemos de mandal-os para as profundas do inferno!

Mesmo... porque está ahi á porta a epoca balnear e nós queremos desenvencilhar-nos de tudo para fazermos então um pouco de... má lingua. Ai o que nós tencionamos escrever d'alli!

Mas. . antes de mais nada deixem-nos ultimar a resposta ao sr. A. de Cortegaça.

*

S. S.ª sempre é muito exigente! Com que então os snrs. Abbades de Cortegaça e Esmoriz e Dr. Soares Pinto, quando foram á Costa para vêr se por um accordo amigavel podiam matar a questão existente entre as duas freguezias, deviam levar comsigo um marco para lá espetarem, se por acaso o fizessem! Esta é de cabo d'esquadra! Oh! homem porque é que não exigiu que elles levassem papel sellado para lavrarem o accordo e as chancellas do Snr. Administrador e ministro do Reino para o sanccionarem? Sempre a gente ouve cada uma!

Quem podia prever que esse accordo se chegaria a fazer?

O que dizia o passado até alli? Dizia que as Juntas das duas freguezias foram um ror de vezes á Costa para o mesmo fim e que de lá regressaram.... como foram. Não seria, pois, de esperar que agora acontecesse o mesmo. Oh! se era!

E' vêr o que o povo dizia aos d'Esmoriz: «não vão lá, que não vão a nada!..»

E a nada foram, porque nós cremos que o Snr. A. sabe que o accordo, embora proposto no local pelo Ex.mo Snr. Dr. Soares Pinto, só no palheiro do Snr. Pereira d'Oliveira é que veio a ser fechado, sendo depois sanccionado pela Junta d'Esmoriz e pelo seu povo por ella reunido em comicio.

Portanto de que valeria aos seus negociadores o levarem comsigo o tal marco? De nada. E tambem de nada valeria o terem-no lá mettido.

Porquê, perguntar-nos hão?

Respondemos: porque... os de Cortegaça não vacillariam em fazer-lhe o que fizeram aos quatro que foram, mandados collocar nos seus sitios pelos parochos das duas freguezias e como delegados d'ellas. Quem fez o mais, não era capaz de fazer o menos? Oh se era!

Olhe, Snr. A. convença-se duma coisa. Alli não houve falta de marcos. O que houve foi falta de... palavra.

Houvesse alli quem a soubesse honrar e della fosse escravo e vêr-se-ia como tudo iria... até o fim!

Não que para taes homens a sua palavra vale mais que todos os marcos do mundo! E, se nol-o permitte, passemos a outro ponto, porque este irrita-nos por demais os nervos e nós receamos que dos bicos da pena nos escorram palavras muito azedas.

Adeante.

*

Snr. A. convença-se (se é que disso não está já convencido) de que o enganaram, se lhe garantiram que foram os d'Esmoriz que collocaram os marcos nas ourellas da estrada d'Ovar e da linha ferrea, no alto da Cantareira e areal a seguir.

Não Snr. Não foram os d'Esmoriz que procederam a esse trabalho, porque, quem o realisou foi uma turma de operarios, mas por ordem dos parochos das duas freguezias que alli se encontravam não como pessoas particulares, mas como presidentes das duas Juntas e como delegados d'ellas. Portanto ou a logica é uma cabaça, ou havemos de concluir que os taes marcos foram espectados pelos d'Esmoriz e pelos de Cortegaça. Não lhe parece?

Talvez V. S.ª nos objecte que quem lhes pagou e quem pagou os marcos e a sua condução para os locaes foram os d'Esmoriz.

E' verdade, e nós já aqui o escrevemos, mas tambem é verdade, que vamos mais uma vez repetir, que o parocho d'Esmoriz tem em seu poder cartas em que o seu collega de Cortegaça o auctorisou a correr com todas essas despezas até ao fim, promptificando-se a pagar metade dellas. Até este momento não nos consta que solvesse esse compromisso, mas.. olhe que se já não foi compellido judicialmente a fazel-o, ao seu collega d'Esmoriz o deve. Adeante.

*

O Snr. A. ou é duma audacia nunca vista, para lhe não darmos outro nome, ou então possue um estomago d'avestruz, se é que não está a mangar com a tropa ou a vêr se nos come, ou faz passar por tolos!

Pois o Snr. pode lá destruir ou fazer desapparecer factos que são do dominio publico e que podem ser testemunhados por dezenas de pessoas, algumas das quaes já testemunharam parte d'elles em auto publico e sentenciado?

Pois o Snr. póde lá negar que na manhã do dia 18 de outubro do anno findo, o mar pôz a descoberto, acolá na Costa, uma pedra de esteio de dimensões fóra do commum e que as pessoas que a viram, principalmente os de maior edade, logo disseram que era o antigo marco divisorio das duas freguezias, ha annos soterrado pelas areias?

Pois o Snr. póde negar que logo após esse acontecimento o Snr. João Cantinho o mandou guardar n'um seu palheiro por quatro pescadores aos quaes por tal serviço mandou dar seis quartilhos de vinho na loja do José Bendeira?

Pois o Snr. póde negar que na maré da tarde desse mesmo dia ou na da manhã do dia seguinte o mesmo mar poz a descoberto outra pedra d'esteio, de dimensões inferiores á primeira e que a tal pedra foi conduzida para a porta do palheiro do dito José Bendeira e alli esteve dias e dias sem que ninguem se importasse com ella ou lhe ligasse importancia alguma?

Pois o Snr. póde negar que só passados alguns dias é que os... trapolas a juntaram á primeira para desorientarem a caça e baralharem tudo?

Mas não o conseguiram nem o

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XVI

Os tres primeiros dias dos grandes mysterios empregam-se em rezas, jejuns, purificaçõee, sacrificios, offerendas e procissões á borda do mar.

O quarto, em dansas sagradas, pantomimas representando o rapto de Proserpina e a descoberta dos processos agronomicos por Triptolemo, e em diversões pelos campos.

O quinto é notavel pela cerimonia dos fachos, imitada do templo de Sais, no Egypto. Os convidados empunham tochas accesas e desfilam aos pares, em silencio, passando as luzes de mão em mão.

O sexto é consagrado a Iacchus, filho de Céres. A estatua d'este deus é conduzida com todo o fausto e ao som de instrumentes, com a sua mãe, desde o Eleusinium, em Athenas até Anactorum, ou templo d'Eleusis.

A joeira sagrada e outros utensilios d'agricultura acompanham o cortejo que sae d'Athenas pela porta Dypila e segue para Eleusis pela via sagrada. Os padres cantam hymnos em honra d'Iacchus e a multidão vae gritando: Iacchés! Iacché! E'vo hé!!

O setimo, oitavo e nono dia, chamados mysticos, são para iniciar os noviços. A grande e ultima iniciação é uma especie d'orgia que os philosophos reprovam.

Os aspirantes despem-se e cobrem-se com uma pelle de corço; depois substituem-n'a pelo habito com que devem ser iniciados. E' então que, completando as provas anteriores, o Hierophante pronuncia um discurso a respeito dos astros e d'agricultura; em seguida ergue as mãos ao ceo, agradece a Céres os seus beneficios e declara os iniciados esclarecidos pela verdadeira luz.

Esta scena passa-se nas mais profundas trevas; os candidatos esperam no Pronaos que se abram as portas do templo. Decorridos momentos são trovões, relampagos, o solo treme, o templo é como que abalado nos seus fundamentos.. Ouvem-se stridentes ruidos do fundo dos abysmos, horriveis estrondos, gritos desentoados, o ranger de dentes; sibilos das serpes...

Amiudam-se os raios, e á palida luz dos relampagos veem-se fantasmas, hidiondos spectros, cadaveres ensanguentados, monstros de cabeça humana e corpo de gryfo (animal fabuloso) morcegos, sapos gigantescos—Mais distante apparece a triple Hecate (lua com tres faces) ainda rodeada de monstros mais repellentes. De subito param os ruidos e tudo desapparece. Novo silencio e novas trevas. Passados poucos instantes rasga-se uma cortina metalica... Apparece o Tartaro com os supplicios, os odores sulfurosos, sofucantes, os seus braseiros e rios de chamas.

Os criminosos ahi são punidos com todo o rigor das leis do sombrio imperio; ahi se vêm Sysipho, Tantalo, Ixion, Promethes, as Danaides, os Titans fulminados, e e outras scenas fabulosas que os padres inventaram.

A estes espectaculos d'horror e de espanto, succedem-se os quadros mais encantadores:—os campos Elysios com suas verdejantes sombras, vergeis esmaltados a quem banham limpidas aguas; jardins e bosques virentes por onde vagueiam as sombras dos justos; aqui, vêem-se amantes coroados de mystos e rosas, que sorriem á sua felicidade; além dansa; mais distante divinaes melodias; banquetes o nectar e a ambrosia; em profusão por toda a parte, por todos os lados, alegria, prazer, supremos deleites!...

Pode dizer-se que os ministros d'Eleusis são habeis scenicos.

Apoz esta representação Elysiana, os iniciados são conduzidos a um subterraneo, onde só penetra a luz artificial. Ahi se desenrolam as aventuras de Céres, de Proserpina, e d'Iacchus, de que alguns incidentes são pouco moraes. Acabada a scena passam a um recinto sagrado, fóra do templo, onde mais uma vez ficam no meio de trevas. Subito, as portas abrem-se ruidosamente; os olhos turvos das brilhantes luzes de mil archotes mal pódem contemplar a estatua de Céres resplandecendo em ouro e pedrarias. Os principaes ministros do templo rodeiam a estatua.

A riqueza do seu trajar, a gravidade do porte, os sons compassados da musica religiosa, as vozes humanas entoando o hymno á deusa d'agricultura, incutem o quer que seja de imponente e de solemne a esta cerimonia. O Hierophante representa *Demiurgos*, o maior dos deuses;—o sol é representado pelo Dadoukos, ou portador de fachos;—a lua, pelo Hierocéryx;—a terra, pelo Iacchogogue; —o grupo dos ministros figura o mundo.

A um signal do representante de Demiurgos apparecem os deuses olympicos no santuario do templo: é a *theophania*, ou presença dos deuses entre os mortaes.

Desde este momento os aspirantes são declarados *epoptos* por que se communicam com a divindade. O Hierophante colloca-se defronte de Céres, e pronuncia estas palavras:

«Iniciados, até agora a vossa vida só tem sido uma serie d'erros, de pezares e trabalhos; hoje fazeis parte do numero dos felizes a quem os deuses protegem. Depois da morte habitareis os climas encantados dos Elysios, sereis admittidos no banquete celeste, emquanto que os profanos em escuros abysmos, errarão pelas margens dos rios lamacentos e dos lagos infectos. Regosijai-vos, pois a iniciação vos colloca a cima dos outros homens». Em seguida, com o dedo na bocca, em signal de silencio, accrescenta:

«Iniciados. haveis jurado pela triplice Hecate, guardar segredo de tudo que vistes e ouvistes; desgraçado do que ousar infringir tal juramento! Considerae que a menor indiscripção sobre os nossos mysterios é punida com a morte. Ide, e não esqueçais nunca, emquanto viverdes, que os deuses se tornam favoraveis honrando os seus ministros.

Todos os iniciados renovaram os seus juramentos e sairam do templo, recolhidos, silenciosos, para processionalmente se dirigirem ao Eleusinium d'Athenas.

O dia seguinte é passado em varios regosijos.

(Continúa).

Clara de Miranda.

conseguirão, Snr. A. porque as duas pedras distinguem-se bem... A primeira é facilmente reconhecida pelas pessoas que a conheceram com o cabeço acima das areias!

Quer provas? Ouça: No dia em que o Snr. Administrador d'Ovar veio á Costa para interrogar as testemunhas da devassa requérida pela Junta d'Esmoriz, uma dessas testemunhas foi introduzida no palheiro, onde ella estava guardada e logo que a viu disse: «aquella pedra é o marco divisorio das duas freguezias aqui na Costa. Conhecia-a antes de soterrada e reconheço agora que é a mesma.»

Ora o Snr. A. quer saber se este homem podia fazer uma tal affirmativa? Leia. Esse homem tem mais de 80 annos de idade, foi guarda fiscal durante muitos annos acolá na Costa,e tendo sido seu pae rendeiro dos dizimos do pescado d'Esmoriz, por muitas vezes lá foi recebel-os, de modo que o rendeiro dos mesmos dizimos de Cortegaça os recebia, quando a rede tirava pelo sul da tal pedra, e o d'Esmoriz quando saía pelo norte. Por tanto... devia ou não devia este homem conhecer bem uma tal pedra? Devia, devia. Mas além deste argumento nós termos ainda outros a apontar em reforço da nossa affirmativa.

Sabe dizer-nos, porque é que o Snr. Cantinho guardou tão apressadamente aquella pedra e porque a não mostra senão aos amigos? Sabe porque, estando na Costa no dia em que por cauza d'ella lá foi o Snr. Administrador não lh'a mostrou nem ás testemunhas que a não tinham visto? Não sabe? Nós dizemol-o. Foi porque sabia que ella era logo apontada por todos como o foi pelas pessoas que primeiramente a viram: «olha o marco do mar»!

Snr. A. Olhe que mais depressa se apanha um mentiroso que um cocho. Quer vêr? O Snr. affirma com todo o aprumo e desembaraço que viu apparecer a primeira pedra e que tambem a vira o Snr. Abbade d'Esmoriz. E' falso, porque este Snr. não foi á Costa no dia 18, mas sim no dia 19, e a pedra que viu foi a segunda e não a primeira. Ora quem é que lhe disse que aquella era o marco? Ninguem, porque o marco é a primeira. Não queira pois misturar alhos com bugalhos, ou fazer-nos o ninho na cabeça!...

*

E mudando de assumpto, deixe que lhe diga que o facto de os de Cortegaça virem com as suas procissões até áquem do vosso posto-fiscal, nada prova. E nada prova, porque prova de mais. Sim, se esse argumento tivesse valor o Snr. Antonio Cantinho não se esqueceria de mandar ao Snr. Damazio que tirasse a planta por alli.

Olhe Snr. A., tudo isso se fazia e os d'Esmoriz não reparavam no caso, porque não viam nelle intensões reservadas. Apenas deram por ellas ergueram o seu protesto contra o abuso e não mais deixarão de o fazer, apesar mesmo de estarem convencidos da inanidade dum tal argumento. Se elle tivesse valor, havia ahi freguezias que já não tinham um palmo de terreno. Quer um exemplo?

Sabe que os de Paramos ha annos organisaram na estação de Esmoriz uma procissão e que com ella seguiram pela Estrada Nova, Agueiro... até á sua egreja? Ora estes logares passaram por isso para Paramos? Não. Logo o seu argumento não vale um caracol... sem gaitas.

*

E quanto ao real d'agua podemos affirmar-lhe, tendo ao nosso lado o testemunho de todos os realeiros d'Esmoriz, que o da loja do José Bendeira foi sempre pago aos d'Esmoriz, e não só o dessa loja, mas tambem o de todas as que ficaram da do Antonio Moleiro para o norte. Este construiu pelo norte do seu palheiro uma recoleta a qual ficava já em terreno d'Esmoriz. Ora, quando tratava o real com os realeiros desta ultima freguezia, punha o vinho na tal recoleta, e quando o tratava com os do de Cortegaça, passava-o para o tal palheiro. Que concluir disto? Que a linha divisoria passava por entre os dois...

*

A' sua affirmativa de que a tal pedra não tinha indicação por onde se possa concluir que é, respondemos que não existe documento algum que falle nessa indicação. Ao contrario, todos elles dizem que só o de Cardiellos é que tinha essa indicação, a cruz de Malta e a era de 1529.

Mas para o nosso caso tudo isso importa pouco.

Sim, porque o que nos importa é saber, que o marco agora apparecido é da mesma pedra que aquelle que os velhos se lembram de ver com a cabeça acima das areias.

Ora quanto a isso nenhuma duvida resta.

O sr. A. diz que, se aquella pedra fosse o marco, devia ser de pedra *lousa* como resam os documentos antigos. Já o escrevemos e vamos repetil-o. O marco do mar, desde 1529 para cá, foi por vezes substituido, porque as areias o iam soterrando e fazendo desapparecer.

Podemos até citar datas em que esse facto se deu taes como 1664, 1724, 1800 e 1856. Todavia o que ninguem pode contestar é que ha 30 annos, pouco mais ou menos, existia acolá na Costa uma pedra d'esteio com a cabeça acima das areias que o povo dizia que ella era o marco do mar. Estão ainda vivas muitas pessoas que se lembram della e essas pessoas dizem que ficava na frente do palheiro dos Adregos de Maceda, e um pouco ao sul do da D. Luiza.

Ora foi essa pedra que o mar poz a descoberto no dia 18 de outubro do anno findo. Logo ella é o marco do mar. Mas o sr. A. quer ter a confirmação do que avançamos?

Siga do marco das Gandras do Rio do Carriçal em linha recta para a praia sem se inclinar nem para o norte nem para o sul como resa a sentença de 1664, e verá como vae dar ao sitio, onde a tal pedra appareceu. Experimente. . Os d'Esmoriz já se deram a esse trabalho antes do apparecimento do marco e lá foram bater.

No entanto não nos custa a crer que os taes marcos de pedra louza de que fallam as sentenças de 1664, 1724 estão por alli soterrados na linha do que appareceu e que se o mar continuar a avançar os vem a pôr a descoberto. Mas isso ha-de vir confirmar que nós estamos na verdade.

*

Por ultimo diremos ao sr. A. que os d'Esmoriz deram aos de Cortegaça provas mais que sufficientes de que desejavam a paz, mas uma paz honrrosa e...honesta.

E se não veja. Aceitaram um accordo que lhes levava uma ourella de terreno de perto de 90 metros de largo e apesar de solicitados nunca cederam um palmo de terreno do contestado nem deixaram que alli se erguesse construção alguma. E como lhes corresponderam os de Cortegaça?

Como o sr. sabe e nós não precisamos repetir.

Portanto se os d'Esmoriz lhes estão movendo guerra, é por que elles a ella os forçaram.

Os que conhecem os factos e os sabem criticar, não censuram os d' Esmoriz. Elogiam-os! E .. ponto final

Zé Petinga

BOLETIM ELEGANTE

Faz annos, no dia 18.

O nosso prezado amigo o Snr. João Pacheco Polonia, importante proprietario d'esta villa.

—

Já se encontram restabelecidos dos seus incommodos os Snr.s Dr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina, integerrimo delegado n'esta comarca e Frederico Ernesto Camarinha Abragão, digno escrivão-notario, tambem n'esta comarca.

—Vimos no domingo passado, n'esta villa o Snr. Luiz de Mello Freitas Pinto, antigo escrivão de Direito n'esta comarca.

—Estiveram entre nós na 5.ª feira, os Snrs. Dr. José de Castro, Dr. Arnaldo Guimarães e Joaquim Nunes da Silva, d'Oliveira d'Azemeis.

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo tem continuado secco, sendo os dias de sol brilhante e quente e as noites pouco frias.

Se assim continúa, é de prevêr um anno fraco para a agricultura, pois a falta de chuva já se está fazendo sentir devéras.

PESCA

Não tem havido trabalho de pesca, ultimamente na, Costa do Furadouro.

Consta, porém, que tem havido sardinha em algumas Costas visinhas.

Chamamos, a isso attenção dos dos Snrs. arraes das Companhas locaes.

Prorogação das Côrtes

Dá-se como certo que a primeira prorogação da sessão parlamentar será por todo mez de Abril, e a segunda até meiados de maio, com faculdade de se ampliar até final do mesmo mez.

Ha quem julge que bastará a segunda para a ultimação dos rabalhos parlamentares.

Conselheiro João Franco

Acha-se restabelecido o digno presidente do conselho de ministros,sr. conselheiro João Franco.

PROCISSÃO DOS PASSOS

Teve logar, no domingo passado, conforme preanunciamos a imponente procissão dos Passos, á qual accorreu grande numero de forasteiros dos concelhos limitrophes ,e cujo programma foi cumprido integralmente.

NECROLOGIA

Falleceram:

O Snr Antonio Pereira de Carvalho importante comerciante, da rua das Ribas e o Snr. Commendador Luiz Ferreira Brandão, abastado proprictario e Capitalista da mesma rua.

As' familias enluctadas endereçamos a expressão sincera de sentidas condolencias.

BRINDE

O distincto cirurgião dentista e pharmaceutico d'Espinho o Sr. J. A. M. Ramos, brindou-nos com os seus excellentes preparados para limpeza e conservação dos dentes. «Um frasco de agua dentifrica, uma caixa de pós dent fricos e um tubo de pasta dentifrica» os quaes se acham á venda n'esta villa em caza do Snr. Silva Cerveira.

Feira de Março

Já vão muito adeantados os trabalhos de abarracamento para esta feira annual, que realisa em Aveiro, sendo este anno as barracas cobertas com ferro zincado.

Novo jornal

Vae iniciar brevemente no Porto a sua publicação um novo jornal, orgão da concentração-liberal, intitulado—*Diario Nacional*. Terá distincta collaboração e virá a ser um dos melhores jornaes do norte.

AS LARANGEIRAS E AS CREANÇAS

Os paes não devem consentir que os filhos chupem as laranjas, sem que estas tenham soffrido uma rigorosa limpeza, pois que os pontos negros que se vêem na casca são, ordinariamente, grupos de fungos prejudiciaes á saude e com acção muito nociva sobre a garganta e o peito.

Esta observação foi feita por um medico muito illustre, que recommenda ás mães todo o cuidado n'esse ponto, accrescentando que as fructas devem ser dadas ás ás creanças só depois de bem descascadas.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mappa das lições durante a 9.ª semana, desde 10 de março a 17 de março de 1907.

Agricultura — Assumptos das lições explicativas: Culturas horticulas: melancia, melão, aboboras, pepino, couves, feijão, favas, ervilhas etc.

Trabalhos práticos realisados: Exames de vinhos doentes. Tratamento dos mesmos. Collagens. Lavouras com as charruas americana e Brabant. Applicação de adubos em cobertura, sobre prados naturaes e artificiaes.

Palestra: Realisa-se em Maceda ás 8 horas da manhã.

Arrematação

2.ª Publicação

No dia 19 de março proximo, por onze horas da manhã, á porta do Tribunal da comarca, na execução hypothecaria que a Irmandade do Santissimo Sacramento, da freguezia d'Arada, move contra Antonio Baptista Ferreira e mulher Maria da Costa, do logar da Cruzinha, da mesma freguezia, se ha-de proceder á arrematação do seguinte predio, para ser entregue a quem mais offerecer sobre a avaliação:—Uma morada de casas terreas com cortinha de terra lavradia, pegada e mais pertenças, sita no logar das Pedras de Cima, freguezia d'Arada, avaliada em 180$000 réis.

Por este são citados os credores incertos para deduzirem os seus direitos

Ovar, 28 de Fevereiro de 1907

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.

AGRADECIMENTO

A familia do fallecido José Marques da Silva e Costa agradece, por este meio, a todas as pessoas que lhe enviaram condolencias e o acompanharam no duro golpe que acaba de soffrer.

Egualmente agradece á Direcção, corpo activo e banda dos Bombeiros Voluntarios a sentida homenagem que prestaram ao seu desditoso camarada.

A todos a sua indelevel gratidão.

Ovar, 12 de março de 1907.

ARREMATAÇÃO

1.ª Publicação

No dia 14 d'abril proximo, por as 11 horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, na execução hypothecaria que Anna Rosa Dias, viuva proprietaria, da Seara, move contra José de Sá Ferreira Loureiro e mulher Anna Francisca d'Oliveira, negociantes, d'Aldeia, todos d'Esmoriz, vão á praça, para serem arrematados e entregues a quem mais offerecer sobre os preços das respectivas avaliações, sendo as despezas da praça e a meia contribuição de registo á custa dos arrematantes, os seguintes bens:—

Uma propriedade d'aido e casas com cortinha de lavradio e pertenças, em Aldeia, avaliado em 590.000 reis;—Um assento d'aido e casas com cortinha de lavradio pegada e pertenças, no mesmo logar, avaliado em 550:000 réis; — Uma terra lavradia, chamada a Cortinha d'Esmoriz na Estrada-nova, avaliada em 250:000 reis;—Uma terra lavradia, chamada a Vinha, no logar deste nome, avaliada em 105:000 reis: Uma leira de matto e pinhal, denominada o Calombo, em Gondezende, avaliada em 90:000 reis. Todas estas propriedades são situadas na freguesia d'Esmoriz. Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Ovar, 14 de março de 1907.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Lobo Castello Branco

O Escrivão

João Ferreira Coelho

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

As arrecadas da caseira

A tia Custodia da Moita trazia arrendada a quinta d'um proprietario do Porto. Assim que chegava o mez das colheitas, a Custodia ou o marido, vestiam-se com o fato domingueiro, e iam á cidade pagar a renda. E que se não era logo uma carta do senhorio ameaçando-os de os pôr fóra. Morava elle na Reboleira, uma casa de apparencia ordinaria, com uma escada muito ingreme, suja e pouco allumiada. Os caseiros encontravam-o sempre a passeiar ao longo da sala, que deitava para o rio, com as mãos enfiadas nos bolsos d'um casacão de saragoça já velho e remendado. Até a Custodia dizia ás visinhas:

Tão rico, o sr. Torres, e anda que nem um pobre de pedir!

O Torres era um celibatario, egoista, magro, esguio, nariz adunco, olhos pequeninos e vivos como os de uma ave de rapina!

Depois da invernia a primeira vez que se chegou o mez da renda é que era vêr o Torres!

Entrou a tia Custodia, levando o netinho pela mão. Expoz ao senhorio a sua desgraça, pedindo-lhe que por essa vez lhe perdoasse ou diminuisse a renda.

—Adeus, minhas encommendas! —exclamava o avarento—De cantigas não como eu! Se vocemecê não quizer, não falta por lá quem me amanhe as terras.

Para encurtar razões, a pobre mulhersinha sacou da algibeira um embrulho, e entregou-o ao Torres. Eram dois pares de arrecadas e um grilhão de ouro.

(Continua).

ESTAÇÃO FRIORENTA

De joelhos eu pretendo,
Pois que, passado o Entrudo,
Por meu dever comprehendo,
Confissão fazer de tudo,
Que por peccado entendo:

—Eu não sou dos *martelleiros*
O peiór, nem o melhor,
Mesmo porqu'em *taberneiros*
Não ha melhór, nem peiór,
Pois nenhuns são verdadeiros.

E nada mais desejo eu,
Que *pedir perdão* ao freguez,
Seja nobre, ou plebeu,
Voltando cá muita vez
A provar sempre do *meu* . . .

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encommendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

EXTACTO DO CATALOGO

DAS

Obras á venda no BAZAR FENIANO

DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borralheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formoza Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Hirtoria da Princeza Leonor	60
» do Gaiteiro e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.